



Berlinal.de

Tilda Swinton nos tímpanos



Aos 65 anos, a diva mais radical do cinema de autor fala de vida, obra e sonhos em Cannes, em sabatina sobre arte e política

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O bjecto de culto no cinema independente, onde é parceira recorrente de Wes Anderson, Jim Jarmusch, Pedro Almodóvar e Bong Joon-Ho, Tilda Swinton vai fazer um filme novo com o tailandês Apichatpong Weerasethakul, com quem foi parar na Colômbia, nos sets de “Memória”, Prêmio do Júri em Cannes, em 2021. Esteve lá naquele ano de covid-19 e foi avalida por um júri que teve Kleber Mendonça Filho como votante. Os dois foram jurados juntos, no Festival de Marrakech, em 2019. À época, ela quis ouvir o pernambucano sobre a dureza do Brasil de Bolsonaro. Sempre tem ouvidos para povos bem diferentes do seu Reino Uni-

“Não tenho medo de me desapegar da vaidade e esquecer da maquiagem, pois o meu motor no processo de criação é uma aura de vida”

TILDA SWINTON

do natal falarem de sua arte.

Hoje, é a Croisette que vai parar para ouvir (e aplaudir) Tilda. Um ano depois de ganhar o Urso de Ouro Honorário da Berline, a atriz nascida em Londres, há 65 anos, vai falar de si e de sua forma de se reinventar na seção Rendez-vous, a sabatina anual que Cannes faz com artistas de exceção. “Não tenho medo de me desapegar da vaidade e esquecer da maquiagem, pois o meu motor no processo de criação é uma aura de vida”, disse Tilda ao Correio

da Manhã ao ser homenageada no Festival de Berlim.

Alvo de convites sazonais de Hollywood, onde teve lugar de honra na Marvel, em “Os Vingadores: Ultimato” (2019), a estrela de “O Quarto ao Lado” (Leão de Ouro de 2024) é dona de um sítio onde cria galinhas, ensinando seus filhos a respeitar a natureza. Tem o olhar aberto para o cinema sul-americano, que admira há tempos. Foi presidente do júri do Festival de Berlim em 2009, quando deu

o Urso de Ouro à peruana Claudia Llosa, pelo drama “A Teta Asustada”. Premiou ainda o drama romântico uruguaio “Gigante”, de Adrián Biniez.

“Meu português não é bom, nem meu espanhol, mas a minha curiosidade por muitas formas de fazer cinema é plural. É importante, quando estamos na condição de analisar filmes de diferentes culturas, dar voz a manifestações artísticas que desafiam convenções”, diz a atriz, que vai filmar “Jenjira’s Magnificent Dream”, com Apichatpong.

Em 2025, ela passou por Macau com “Balada de um Jogador”, ao lado de Colin Farrell, hoje na Netflix. Até o fim do ano, ela será vista em “Songs For Fiji”, de Cynthia Beatt.

Antes de Tilda, Cannes estendeu seu Rendez-vous a Cate Blanchett e a Peter Jackson.

Aquele **tio que (todos)** nós amamos

‘Meu Tio’, obra-prima de Jacques Tati, fecha a programação de Cannes com exibição nas areias do balneário francês

Recordista de bilheteria, “Mon Oncle” (“Meu Tio”), do artesão francês do riso Jacques Tati (1907-1982), será o último filme exibido na programação deste Festival de Cannes, com sessão no Cinéma de La Plage, nas areias da Croisette.

A projeção será neste sábado (23), logo depois de o Palais des

Festivals encerrar o anúncio da premiação.

Vencedor do Prêmio Especial do Júri em Cannes em 1958, o longa acompanha Monsieur Hulot, personagem icônico do diretor, em sua convivência atrapalhada com a família da irmã, satirizando a obsessão da classe média pelo conforto e pela mo-

dernidade. Produzido com orçamento estimado em 250 mil francos franceses, Mon Oncle foi visto por 4,5 milhões de pagantes em sua pátria e teve um desempenho de bilheteria expressivo ao longo das décadas em relançamentos e circuitos internacionais de arte.

Na França, a estreia comercial ocorreu em 10 de maio de 1958. No Brasil, entrou em cartaz no mesmo ano. Em 2026, este clássico ganhará novo relançamento restaurado nos cinemas franceses a partir de julho. (R.F.)



Divulgação

Produção de orçamento modesto, ‘Meu Tio’ conquistou o mundo